

Relatório apresentado por Estela Pinto Ribeiro Lamas

O curso “O Sagrado Feminino no Antigo Testamento” foi uma oportunidade de grandes aprendizagens, uma mais-valia para dar continuidade a estudos anteriores sobre Teologia Feminina, que sempre foi um desafio para mim. Contribuiu significativamente para uma reflexão ao longo das 4 aulas. Foi uma viagem através dos tempos, de contextos diversificados, focados através de diferentes pontos de vista – culturas, raças, nações, classes sociais, gêneros. Fomos confrontados(as) com a existência da humanidade na sua imensa diversidade, diversidade essa caótica que vai encontrando ordem, não pela subordinação, mas pela sinergia ou pela multiplicação de perfis – o ser humano, a sua forma de ser e estar, de conviver, de se relacionar com o mundo e de nele agir – ação essa, também ela marcada por uma diversidade acentuada que, na maior parte dos casos levou/leva/levará à não complementaridade,

A presença feminina na Bíblia é uma constante. Desde o início, as mulheres aparecem como sendo o “rosto feminino de Deus”, que paira sobre a face das águas, a Ruah que sopra e cria, gera e mantém a vida, como uma mãe. A mulher surge, no espaço sagrado, como aliada do homem no serviço que presta não só à família, mas à comunidade, à criação. Passagens bíblicas mostram que, havendo desobediência relativamente à complementaridade por Deus criada, gera-se a disparidade homem/mulher, a qual conduz ao caos, que nos últimos tempos se vem fazendo sentir. Todavia, através da ação da mulher, a regeneração da complementaridade é vista como possível, podendo conduzir a um novo mundo, a uma nova humanidade. São muitas as mulheres que vão surgindo nas narrativas bíblicas.

As histórias das matriarcas têm uma função sociológica; nessas histórias, damos conta da transmissão das especificidades das sociedades de que provêm e a partir das quais as suas histórias são contadas, levando em conta os diferentes subgrupos e a dinâmica que entre eles se gera. As características das histórias de vida observadas: redundância, detalhes, importância do significado dos nomes, importância da genealogia.

Como vimos, logo à partida na Aula 1, na sua diversidade, as características da “Feminina Imago Dei”, bem ao contrário das do homem, conduzem à regeneração e à espiritualidade, sendo que os símbolos femininos presentes na Bíblia, na sua multiplicidade, para isso apontam, contrapondo a matrilinearidade (o ser na sua essência) à patrilinearidade. Daí, o papel sagrado da mulher emergir como aquela que gera e sustenta a vida humana; há, pois, que reconhecer que a humanidade só se realiza plenamente na comunidade dual – homem/mulher, uma comunidade que não implica subordinação e/ou inferioridade, antes procura parceria e complementaridade, sendo ambos os intervenientes vistos na mesma natureza.

Assim como Eva (mulher de Adão) é referenciada como ‘mãe primordial’ (mãe de todos os seres viventes), a segunda Eva (mulher de Noé) é vista como regeneradora da vida, ao criar água primordial, essencial à vida; ela demonstra força e determinação, vive em companheirismo e gera

a vida de uma nova humanidade. Não por ela sozinha, mas pela presença de Deus, que se faz presente pela Ruha – o vento que sopra sobre o universo e sobre as suas criaturas. É, assim, pela ação da mulher, que se inicia um novo poro com um sangue puro e não miscigenado, estando Deus sempre presente.

Salienta-se a figura de Rebeca que, no âmbito da sua cultura mesopotâmica, sempre manteve a sua independência e sempre se mostrou decidida nas missões que lhe eram confiadas; importa lembrar que as estruturas socioeconômicas e as tradições legais são um suporte forte na nossa vida, mantendo os costumes adquiridos em família e respeitando as leis. Outras mulheres, referenciadas nesta aula, são Raquel e Lia, sempre ligadas à fertilidade das águas; também sustentadas nas suas culturas, usaram os seus conhecimentos culturais para gerar muitos filhos, contribuindo para a fundação das doze tribos de Israel. Não se intimidando com as situações complicadas com que se confrontam, a persistência, em se manterem implicadas, mostra que são fortes e decididas em prosseguir. Sara e Rebeca, oriundas também elas da Mesopotâmia, destacam-se não só pela sua beleza e por serem desejadas, mas também e sobretudo por falarem com Deus e/ou com os anjos, usam a sua cultura para os fins desejados – a relação mulher/marido, o sangue sagrado, as ervas.

Na Aula 2, a endogamia é encarada como forma de manter a posse da terra (evitar divisões de herança); a procura da unidade religiosa e cultural, assim como da ampliação de horizontes sociais, que possam tornar-se politicamente vantajosos. Desta aula, fica a imagem das mulheres que protagonizam os preservados elementos do sagrado feminino – a água, o sangue e o pássaro; o poder e a sabedoria das mulheres, no início do povo de Israel, eram respeitados. Em evidência encontramos várias figuras femininas.

Puá e Sifrá, mulheres simples que sobressaem pela sua objeção de consciência e pela resistência que assumem em relação à opressão egípcia, pelas suas atitudes e ações, levaram ao fortalecimento do povo judeu no Egito, criando condições para o êxodo e consequente libertação. Zípora e Miriã, a primeira que estabelece a intermediação entre Deus e Moisés, salvando-o e a segunda que lidera as mulheres na saída do Egito. Há que reconhecer o confronto que gera o perigo da exogamia; no entanto, é procurada a solução para o problema, através da endogamia e a luta pela equidade de direitos na divisão das posses, especificamente, neste caso, a divisão das terras. Neste panorama, aparecem mais quatro mulheres órfãs e solteiras, as quais, apesar do desfavorecimento social, não desistem de criar condições para uma justa distribuição da terra. Ressalto, ainda, Raabe, a estrangeira marginalizada na sociedade, que corajosamente contribuiu para a conquista da Terra Prometida, permitindo o acesso a terras e a fontes de águas.

Da Aula 3, fica a ideia da vitória nas mãos da mulher. Deus continua a usar as mulheres para tornar reais os seus planos. Salienta-se a figura de Débora que, juntamente com o general Baraque, lidera uma batalha assim como de outras duas mulheres, uma israelita e uma estrangeira, que contribuem de forma assertiva para a reconquista da paz do povo de Israel, no meio do qual a desintegração da ordem social e religiosa se implantara porque, naquele tempo, não havendo rei em Israel, cada um

agia segundo a sua vontade. Surgem, então, mulheres desconhecias que, pela ação discreta e silenciosa de Deus, protagonizam a história do povo de Israel e abrem destemidamente vias para o surgimento de Saul, o primeiro rei de Israel.

Na Aula 4, num contexto sociopolítico perturbador, são apresentadas as histórias vividas por rainhas, de tempos históricos diferentes; as vidas destas rainhas do Antigo Testamento, relatadas na Bíblia Hebraica, põem em evidência as consequências positivas da endogamia e as negativas da exogamia. Estas rainhas presentificam a essência do poder feminino, desafiando toda e qualquer mulher, seja em que período histórico for, a não se limitar à liderança/regência, mas a se implicar no cuidado ao próximo e na perseverança. A título de exemplo, entre as demais rainhas, aparece Ester, uma rainha respeitada, que em corregência mantém a sua cultura e a sua religião; se bem que tradicionalmente fosse vista como submissa e sem vaidades, ela age corajosamente e de forma imaginativa; confrontada por medos, ela não desiste e leva o povo judeu para a libertação

Desafiadas por estas rainhas, nós mulheres somos desafiadas a sermos persistentes, apesar dos obstáculos que se erguem na nossa caminhada da vida, apesar dos fracassos que por vezes nos desanimam. Há que termos como lemas a constância, a firmeza, a pertinácia.

Este curso foi importante para reavivar o ponto de partida da Teologia Feminista – a correlação, o entrelaçamento de relações, a paridade e reciprocidade, comprometendo-se cada mulher no cuidar, implicada em evitar que os seres humanos vivam independentemente ou isolados, procurando formas possíveis de lidar com a ameaça real que, hoje em dia, está presente planeta, na terra, nos seus habitantes, os seres vivos da criação divina.